



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9073 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

CONHECIMENTOS E ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO REMOTO: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS GRUPOS FOCAIS DA PESQUISA ALFABETIZAÇÃO EM REDE

Renata Sperrhake - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Luciana Piccoli - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL/FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Sandra dos Andrade - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

CONHECIMENTOS E ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO REMOTO: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS GRUPOS FOCAIS DA PESQUISA ALFABETIZAÇÃO EM REDE

Resumo: O presente texto objetiva mapear as estratégias didáticas e os conhecimentos vinculados à alfabetização mobilizados por professoras dos Anos Iniciais no contexto do ensino remoto. Os dados analisados são oriundos da segunda fase da pesquisa interinstitucional do coletivo “Alfabetização em Rede”. A metodologia utilizada são os grupos focais e a análise centrou-se nas recorrências visibilizadas nas falas das participantes. Os resultados apontam a proliferação de estratégias das professoras e das escolas para acessar os estudantes com o objetivo de conseguir a adesão das turmas à realização e participação nas atividades escolares. Já as estratégias didáticas utilizadas no ensino remoto mais recorrentes foram os jogos e atividades lúdicas. Os conhecimentos da área da alfabetização privilegiados foram aqueles vinculados à consciência fonológica, ainda que outros também tenham sido citados. Concluímos que o ensino remoto acaba por limitar os conhecimentos da alfabetização que são desenvolvidos com as crianças.

Palavras-chave: alfabetização; ensino remoto; estratégias didáticas.

Introdução

Este texto analisa dados produzidos no contexto da pesquisa interinstitucional Alfabetização em Rede¹: “Alfabetização em rede: uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização, da pandemia Covid-19 e da recepção da PNA pelos docentes da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental”, desenvolvida por 117 pesquisadores de

29 universidades brasileiras. É coordenada por Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo, da Universidade Federal de São João del Rey, e compreende duas etapas: 1. realização de um survey do qual participaram 14.734 professoras de todo o Brasil; 2. realização de grupos focais regionais, seguindo um roteiro pré-estabelecido.

Analisaremos apenas os dados obtidos nos encontros de grupo focal com professoras de uma mesma rede de ensino da região metropolitana de Porto Alegre/RS, com o objetivo de mapear as estratégias didáticas e os conhecimentos vinculados à alfabetização mobilizados por professoras dos Anos Iniciais no ensino remoto.

Metodologia

Os dados empíricos apresentados fazem parte da segunda etapa da referida pesquisa, que contou com a realização de dois encontros focais, realizados em plataformas de reunião online e com a duração aproximada de duas horas cada um, nos meses de outubro e novembro, do ano de 2020. O material empírico, neste texto, é relativo ao primeiro encontro, cujo tema disparador do debate foi o ensino remoto na alfabetização.

A partir das respostas obtidas no survey organizado dentro da plataforma Google, foram selecionadas as professoras participantes do grupo focal, que se caracteriza como uma metodologia de pesquisa de cunho qualitativo que prevê a realização de uma entrevista na qual participa mais de uma respondente e tem um caráter bem menos estruturado do que a entrevista individual, pois busca uma conversação contínua e fluida. Nesta perspectiva, “As perguntas são quase um convite ao entrevistado para falar longamente, com suas próprias palavras e com tempo para refletir.” (GASKELL, 2012, p. 73).

A indicação é que o grupo focal tenha de seis a oito participantes, nosso grupo contou, então, com oito professoras que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de acordo com os cuidados éticos necessários.

Nesta metodologia, a pesquisadora moderadora não intervém, não opina, apenas conduz o diálogo que deve se instaurar entre as participantes. Ela estabelece uma ligação de empatia com as entrevistadas, diminuindo as resistências e aumentando a confiança. Chamamos isso rapport, que possibilita que as entrevistadas possam “[...] pensar e falar sobre as coisas além do nível das opiniões superficiais e com menos probabilidade de seguir uma racionalização normativa.” (GASKELL, 2012, p.74-5).

Quando as professoras desviavam-se do foco, algumas questões disparadoras, previamente elaboradas, foram colocadas ao grupo para retomar o eixo da discussão. Obtivemos um leque rico de informações que permitiram a divisão do empírico em mais de um eixo analítico. Em função disso, selecionamos, para este texto, falas que nos permitem destacar como objetivo: analisar as estratégias didáticas e os conhecimentos que foram privilegiados pelas professoras participantes do grupo para conduzir a alfabetização das crianças no ensino remoto.

Conhecimentos e estratégias didáticas para a alfabetização no ensino remoto

Em relação às estratégias didáticas de que as professoras lançam mão no ensino remoto, destacamos primeiramente aquelas que objetivam manter contato com os alunos. O relatório técnico da primeira fase na pesquisa Alfabetização em Rede (EM REDE, 2020) apontou como principal preocupação das professoras participantes da pesquisa “conseguir que os alunos realizem as atividades”, com 57% de respostas. Diante disso, vemos a proliferação de estratégias mobilizadas pelas docentes para acessar suas turmas. São recorrentes a criação de grupos de Whatsapp com as famílias dos alunos para o envio e a devolução de materiais, a postagem de atividades em pastas de compartilhamento e sincronização de arquivos ou publicações no site da escola, aulas em sites de videochamadas, o uso do livro didático, a impressão e a entrega de materiais impressos para alunos sem ou com pouco acesso à internet e aos dispositivos digitais. O relatório técnico Alfabetização em Rede (EM REDE, 2020) aponta o uso do Whatsapp por 71,58% das entrevistadas e o envio de atividades impressas é indicado por 55,89%. Nas falas das professoras durante o grupo focal, podemos visibilizar essas estratégias para contato com as famílias:

“[...] nós temos grupos de WhatsApp com os pais, têm o site da escola que a gente posta as atividades e, assim, tem que estar sempre correndo atrás dos pais. Manda atividade no grupo, orienta os pais, tem as atividades impressas e o retorno mesmo assim é metade da turma praticamente.”

Convém destacar que a seleção de excerto(s) sobre cada eixo analítico foi realizada de modo a mostrar a potência dos ditos que se repetem nas falas das professoras do grupo focal. Selecionamos poucos excertos em função do limite de caracteres exigido. O movimento entre os meios impressos e digitais tem marcado as estratégias didáticas das professoras: na dificuldade de as crianças abrirem links para a leitura de livros, as professoras digitam as histórias e enviam aos alunos. O inverso também ocorre: ao invés de propor uma interpretação de textos com perguntas pelo celular e escrita de respostas no caderno, as professoras começaram a usar sites nos quais podem inserir as perguntas para serem respondidas de modo online.

As atividades com caráter mais lúdico, a maioria associada à consciência fonológica, se destacaram como potentes para motivar a participação das crianças.



“[...] eu tô trabalhando basicamente com jogos e com materiais concretos porque eu já tentei fazer jogos e a sistematização. Eles só me mandavam os jogos e não sistematizavam nada no caderno.”

“Eu tô priorizando trabalhar com habilidades da consciência fonológica [...]. Questão de rimas também. Consciência fonêmica eu tô trabalhando só com as letras iniciais porque eu acho muito difícil explorar isso remotamente [...]”

“[...] no começo da pandemia eu pedi para eles mandarem fotos com o corpo, foi a atividade que eu mais tive retorno, eu acho que uns 30 me mandaram, fazendo as letras com o corpo, porque daí os irmãos faziam juntos, daí ficava uma coisa bem lúdica e bem divertida. Mas o que eu mais tô focando é a consciência silábica e a consciência de rimas.”

A estratégia didática de utilização de recursos com viés mais lúdico na alfabetização é recorrente no ensino presencial e encontra possibilidade de adaptação para o ensino remoto, envolvendo também a família. A não presencialidade, pelos relatos das professoras, não as impede de propor jogos e brincadeiras envolvendo conhecimentos da alfabetização. São citados jogos como trilha, bingo, batalha de palavras, trinca mágica, jogo da memória, entre outros, incluindo aí os jogos em plataformas online.

Uma dificuldade apontada pelas professoras está vinculada às propostas de sistematização dos conhecimentos. Em geral, as propostas de sistematização envolvem registros no caderno ou em folhas previamente estruturadas pelas professoras e são feitas de maneira individual (PICCOLI, 2013) tendo, portanto, características escolares mais marcadas do que jogos e brincadeiras, que são encontrados em outros espaços para além da escola. As propostas envolvendo a sistematização demandam maior concentração da criança e compreensão das famílias sobre o que deve ser feito, fatores esses que também podem dificultar a realização dessa tarefa no ambiente doméstico.

Além disso, em relação aos conhecimentos mobilizados pelas estratégias didáticas, uma professora cita que a consciência fonêmica é compreendida por ela como difícil de ser desenvolvida no contexto remoto. Tal consideração pode ser explicada pela necessidade de relação entre fala e escrita para o desenvolvimento de habilidade neste nível, o que demanda justamente propostas de sistematização que envolvam escrita e análise de palavras escritas. A intervenção constante da professora alfabetizadora também se faz necessária, com seu conhecimento técnico, o que permite que certas estratégias didáticas ganhem força e efetividade para a aprendizagem das crianças. Essa necessidade da presencialidade para o trabalho com alguns conhecimentos específicos da alfabetização é expressa pelas professoras:

“Se a gente for ver ali no português, traz muito de objetivos em que nós teríamos que estar presentes. E muitas atividades específicas só poderiam acontecer presencialmente. E a questão da alfabetização, eu acho complicado!”

Porém, ainda que seja apontada essa dificuldade de alfabetizar no ensino remoto, as professoras conseguem propor estratégias que mobilizem conhecimentos vinculados à língua escrita. Dentre os conhecimentos da área da alfabetização, as professoras de 1º e 2º ano mencionam especialmente habilidades vinculadas à consciência fonológica. Morais (2019) lista aquelas que considera essenciais de serem desenvolvidas na escola. Entre elas, estão as seguintes habilidades que podemos identificar nos conhecimentos e nas propostas didáticas citadas pelas professoras: separar palavras em suas sílabas orais, contar as sílabas orais de palavras, identificar entre duas palavras qual é maior, identificar palavras que começam com determinada sílaba, identificar palavras que rimam, identificar palavras que começam com determinado fonema, identificar a presença de uma palavra dentro de outra. Morais (2019, p. 143) tem justamente defendido a realização de “jogos de linguagem” numa dimensão estética, gráfica e sonora, pois “[...] tais jogos permitem à criança examinar efeitos estéticos produzidos por repetições e contrastes de sons, de letras, de palavras ou de grupos de letras, e se deleitar com tais descobertas, apreciando os efeitos resultantes [...]”.

O trabalho com leitura e produção textual é também mencionado, porém com menos recorrência. As professoras de terceiro ano têm trabalhado com leitura, interpretação e produção de narrativas.

“Eu faço leituras coletivas pelo Meet. Ou eu disponibilizo anteriormente um livrinho em PDF ali pelo WhatsApp e aí eles extraem um excerto do texto e fazem a leitura [...]”

“O que a gente aproveita muito é quando, por exemplo, a gente pede uma produção textual para eles, eles nos entregam e, para próxima atividade, a gente faz atividade em cima daquilo que eles produziram.”

No segundo ano, o trabalho com gêneros textuais também ocorre, além da leitura e escrita de frases. Para o primeiro ano, os conhecimentos envolvendo a leitura parecem estar mais relacionados à participação das crianças em situações em que a professora lê para elas, através da gravação de vídeos ou aulas síncronas. Outra estratégia que permanece é a leitura e revisão coletiva dos textos produzidos pelos próprios alunos. Vemos, com esses dois exemplos, que as professoras não precisam inventar “do zero” suas práticas para o ensino remoto, o que elas fazem é uma adaptação da estratégia para a forma como os recursos se apresentam no momento: utilização de compartilhamento de tela, livros em pdf, formulário online para realização de questionários, etc.

Considerações finais

A partir da análise realizada, podemos visibilizar a proliferação de estratégias das professoras e das escolas para acessar os estudantes com o objetivo de conseguir a adesão das turmas à realização e participação nas atividades escolares durante o ensino remoto. Já no que refere às estratégias didáticas utilizadas, pudemos notar uma recorrência nas propostas de jogos e atividades lúdicas. Em relação aos conhecimentos da alfabetização mobilizados nessas estratégias, as habilidades de consciência fonológica ganharam destaque. A partir disso, podemos inferir que o ensino remoto limita os conhecimentos da alfabetização que são efetivamente desenvolvidos com as crianças, uma vez que a falta de interação entre professora e alunos dificulta que outros conhecimentos possam ser acionados. Apesar dos esforços já empreendidos, as docentes mostram-se preocupadas com a aprendizagem das crianças e buscam formas de minimizar as perdas ocasionadas pela situação contingente do ensino remoto.

Convém destacar, por fim, a potencialidade da metodologia dos grupos focais para o aprofundamento de temas e situações vivenciadas pelas professoras, uma vez que a conversa que se estabelece permite que sentidos e significados sejam compartilhados, possibilitando uma profícua fonte de dados para documentar e analisar o momento presente.

Referências

- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi - 10.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012, p.64-89.
- EM REDE, A. Alfabetização em Rede: uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização na pandemia covid-19 - Relatório Técnico (Parcial). Revista Brasileira de Alfabetização, n. 13, p. 185-201, 3 dez. 2020.
- MORAIS, Artur Gomes de. Consciência fonológica na Educação Infantil e no Ciclo de Alfabetização. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- PICCOLI, Luciana. Reflexão metalinguística e intervenção pedagógica na alfabetização. In: LEAL, Telma Ferraz (Org.). Salto para o Futuro - Alfabetização: a aprendizagem e o ensino da leitura e da escrita. Rio de Janeiro, ano XXIII, boletim 4, p. 37-48, abr. 2013.